

MARCO, Valéria de. *O império da cortesã (um perfil de Alencar)*. S. Paulo, Martins Fontes, 1987.

*Lucíola*, em *O império da cortesã*, é pretexto para um perfil de Alencar. Isto, aliás, é o que promete o modesto subtítulo deste livro de Valéria De Marco, lançado pela Martins Fontes.

Mas o alcance da obra vai muito além.

Nas 204 páginas do volume (Coleção Leituras), Alencar também é pretexto para a autora, numa linguagem sóbria e elegante, propor uma revisão, instigante e atual, de alguns tópicos de nossa história literária. O texto cativa e apaixona seus leitores, que dele emergem – senão com uma visão renovada de Alencar (os mais empedernidos) – ao menos com um painel mais complexo do Brasil de Alencar, então a braços com um projeto de literatura nacional.

E dado que este tão polêmico quanto antigo projeto de uma literatura como a nossa, sempre às voltas com sua identidade é um projeto necessariamente inconcluso, fazer perguntas às cortesãs da obra alencariana pode ensaiar respostas a questões que repontam a toda hora no dia-a-dia dos que fazem e discutem literatura no Brasil.

Por isso o livro de Valéria vai além de um mero perfil de Alencar. Melhor dizendo, a leitura através da qual Valéria reescreve *Lucíola* é uma leitura que também reescreve alguns perfis da literatura brasileira.

Se à primeira vista pode parecer desperdício dedicar papel e tinta para sublinhar a importância de José de Alencar no panorama do romance brasileiro, este *Império da cortesã* ultrapassa de muito uma constatação tão óbvia. Pois traduzindo o conceito vago de *importância* na análise da inserção do romance alencariano nos modos de produção cultural vigentes no Brasil daquele tempo, este livro aponta caminhos promissores, porque complexos, para a reflexão sobre a literatura brasileira.

Focalizando um momento privilegiado do projeto literário brasileiro em curso no século XIX, Valéria discute como se dá, na obra de Alencar, o tão necessário quanto inevitável diálogo entre a realidade deste nosso verde-amarelo terceiro mundo com a produção literária que, como os vinhos e as óperas, nos chegavam do outro mundo, ou seja, da bela, invejada e inatingível Europa.

A observação atenta da polifonia instaurada entre a voz que éramos, a que gostaríamos de ser, a que atribuíamos à Europa, a que a Europa nos devolvia refletida (e outras mais...) é sem dúvida o caminho. Já Antonio Cândido ensina isso na sua *Formação da literatura brasileira*, onde críticos e historiadores são lidos de forma tal que se reconheça, em suas vozes, o sotaque – d'aquém e d'além mar – inevitável para um tupi que começa a tanger um alaúde, para falar bonito como Mário de Andrade.

Ao acompanhar o itinerário da cortesã em *Moll Flanders* (Daniel Defoe), em *Manon Lescaut* (Abade Prevost) e em *A dama das Camélias* (Dumas Filho) e analisar como se comporta, nesta galeria feminina, a figura de Lucíola, Valéria contribui para uma das mais difíceis tarefas da crítica e da historiografia literária brasileiras: a aprendizagem de reconhecer-se no outro.

Desfazendo o caminho da crítica xenófoba que lê o Alencar de Lucíola como importador simplório do folhetim europeu, Valéria ajusta sua bússola para perceber, no projeto alencariano, um modo possível e fecundo de dialogar com os modelos literários europeus. Dessa forma, o convite deste *Império da Cortesã* aos leitores é um convite para que se leia a história de Lucíola como Lucíola lia a história de Margarida e como Margarida, assim por diante, etcétera e tal.

Pois é para nossa cadeira de leitores brasileiromente distraídos e ansiosos que Valéria faz voltar-se a voz que, narrando a história de Lucíola formaliza – isto é, transforma em romance – o diálogo (já naquele tempo instável, tenso e problemático) da literatura brasileira com suas matrizes européias.

Pois, concluindo, não se trata de construir nem de reformar um nicho para Alencar nos altares de nossa literatura. Trata-se, isso sim, de iluminar melhor o emaranhadíssimo século XIX brasileiro. E, com as luzes da ribalta, apurar olhos e ouvidos para ouvir e ver o que, também na surdina das entrelinhas, foi compondo o coro (dos contrários) que somos. E que este livro de Valéria ajuda muito a entender.

MARISA LAJOLO